B-267

NOTICIAS DE CAMPELO

ANO VI (II Série) — N.º 74
NOVEMBRO DE 1976

Director: P.e MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal

PORTE PAGO

Redacção e Administração:
R. da Cadeia—Figueiró dos Vinhos

Edição, Composição e Impressão
«Gráfica de Coimbra»

Telefone 42395
(Figueiró dos Vinhos)

PERIÓDICO REGIONAL DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

As funestas consequências da liberalização abortiva

«Handbook on abortion» é um livro publicado nos Estados Unidos sobre as funestas consequências das práticas abortivas. Vendido aos milhões de exemplares, não só em língua inglesa, mas também em mais outras seis para já, enquanto se projectam novas versões, o livro é cientificamente documentado sobre análises estatísticas e não sobre conjecturas «a priori».

Assim, aumenta nas mulheres que abortam a probabilidade futura de partos prematuros. De um normal de 5%, sobe tal probabilidade para 14% e até 18%; enquanto a mortalidade infantil chega a atingir 50 % durante o primeiro ano de vida.

Um outro efeito nocivo das práticas abortivas está na esterilidade. De uma média normal de 10 %, tem duplicado na Polónia e no Japão. Na Chescoslováquia, o Ministério da Saúde anunciou uma percentagem de 25 % de mulheres que ficaram permanentemente estéreis. O caso do Japão, onde o aborto é prática corrente, é muito elucida-

tivo neste capítulo: de aumento 9,5 % de esterilidade, 14 % de interrupções espontâneas de gravidez, 40 % de gravidez extrauterina, 17 % de aumento de irregularidade menstrual, e 20 a 30 % de aumento de outras consequências de carácter doloroso.

Quanto à pretensa diminuição ou eliminação de abortos clandestinos, de que os abortistas fazem cavalo de batalha na propaganda pro-aborto, o Autor do livro em questão prova com estatísticas o contrário, não só nos Estados Unidos e Inglaterra, mas também na Suíça, no Japão, na Suécia, na Alemanha Oriental, na Polónia e na Roménia.

Por outro lado, os casos do uso de fetos, mesmo vivos, para experiências científicas e até de efeitos industriais, como produção de gorduras e outros preparados químicos, começam a ser cada vez mais numerosos, de modo a revelar um espectáculo verdadeiramente macabro.

Parece ser um autêntico filão de oiro o negócio das práticas abortivas. Clínicas há que oferecem ordenados médicos de 250 000 dólares por ano e cobram 140 dólares por cada aborto.

Num outro livro, «Babies for burning», elaborado por um casal, dedicado ao estudo do aborto, comprova-se, através de factos, a facilidade e a inconsciência com que em Londres se torpedeia a lei e se

(Continua na pág. 3)

APELO

«QUEREMOS QUE A NOSSA VIDA TENHA UM SENTIDO, A NOSSA HISTÓRIA UMA FINALIDADE.

QUEREMOS QUE CADA UM DE NÓS PARTICIPE NA DESCOBERTA DESTE SENTIDO, NA REALIZAÇÃO DESSA FINALIDADE.

QUEREMOS QUE A HISTÓRIA DE TODOS SEJA FEITA POR TODOS E NÃO IMPOSTA POR ALGUNS.

NÃO É POSSÍVEL EMENDAR O SISTEMA COM REFORMAS PARCIAIS.

É PRECISO MUDAR RADICALMENTE OS PRINCÍPIOS E AS ESTRUTURAS...

SIM, CONTIGO, POR TI, ONDE ESTIVERDES, O FUTURO E A ESPERANÇA PODEM COMEÇAR A EXISTIR, HOJE».

R. GARAUDY

Amigos do Jornal

Recebemos durante os últimos tempos mais os seguintes pagamentos do jornal:

150$00 — do sr. António Nunes da Costa — Brasil.

100$00 — dos srs.: Mário da Costa Ventura, Campelo;Carlos Rodrigues Antunes, Lisboa; Júlio Martins Nunes, França; Evaristo Martins, Pé de Janeiro; Almerindo Martins Nunes, Lisboa; Lúcio da Conceição Arinto, Lavradio; Fernando da Assunção Ribeiro, Almada; Fernando Rosalino, Figueiró dos Vinhos; Agostinho da Silva Ribeiro, Portimão; José Júlio, Pontinha e José Antunes da Fonseca, Barraca da Boavista e Felisbela da Conceição Mendes Barreto, Alcabideche.

70$00 — dos srs.: José Rodrigues dos Santos, Lisboa; Álvaro da Conceição Relvas, Vale de Cambra e Anacleto Martins Nunes, Lisboa.

60$00 — do sr. Idalino Alves da Siva, Cacém.

50$00 — dos srs.: Severino Lucas de Matos, Abrantes; Sabino dos Santos Loja, Lisboa; Amadeu Godinho dos Santos, Fontão Fundeiro, Manuel Branco, Lisboa; Manuel Simões Rodrigues, Campelo; João Lopes Dias Salgueiro, Campelo; Manuel Rafael, Lisboa; José Joaquim Pereira, Almada; Ermelinda dos Santos Costa Lopes, Caldas da Rainha; José de Abreu, Casal; Luís Serra da Fonseca, Riacho Fernando José Marques Varandas, Lisboa; Leonel Dias Areias, Almoçageme, Alfredo Domingos Mariano, Trespostos; José Alves João, Lisboa; Manuel Alves João, Lisboa e José Alberto Pereira Rodrigues, Vila Nova de Ourém.

40$00 — dos srs.: D. Maria José dos Santos, Campelinho; Augusto Alves dos Santos, Fontão Fundeiro; António Mendes, Torgal; Felisbela de Jesus Silva Brás, Fontão Fundeiro; António Simões da Silva, Castelo; António João, Rib. Velha; José de Matos Rodrigues, Ribeira Velha; Manuel Simões Rodrigues, Campelinho; Manuel dos Santos, Trespostos; Alice da Conceição Carvalho, Eiras; Álvaro Henriques da Conceição, Alge; Manuel Simões Rodrigues, Campelinho e Albino da Silva Santos, linho e Albino da Silva Santos, Castelo.

CRÓNICAS FIGUEIROENSES

COMO SOBREVIVER?

Se a Nossa Terra, para criar postos de trabalho em número suficiente para que todos os seus Filhos, naturais ou adoptivos, desejosos de ser úteis a si, à família, à Grei e à Pátria, tenham trabalho onde ocupar a sua actividade física ou espiritual e em moldes de lhes poder proporcionar um nível de vida económica, moral, cultural e recreaitiva, modesta, embora, mas decente e digna da pessoa humana, não pode contar com as riquezas do seu subsolo, inexistentes, nem com a sua agricultura, reduzida e pobre, e, por isso, sem capacidade bastante para observar toda a mão-de-obra disponível, a que outra ou outras actividades recorrer? Penso que a estas: indústria, comércio, artes e ofícios, profissões liberais, funcionalismo público e particular e, em caso extremo, a emigração, dentro ou para fora do País, como, nos anos da década de 60, se registou em larga escala. Vejamos, agora, quais as possibilidades oferecidas por cada um daqueles campos de actividade aos trabalhadores da Nossa Terra.

A Indústria, para poder competir, com êxito, com a similar nacional ou estrangeira, exige ciência, técnica, administração inteligente e prudente, mão-de-obra dedicada e especializada e matéria-prima de boa qualidade, abundante, a preço acessível e justo. Quanto a matéria-prima, às modalidades mais indicadas para a Nossa Região seriam as que laboram a madeira de pinho, eucalipto e outras árvores indígenas e a resina de pinheiro que possuímos em abundância. Especificando aas modalidades, teríamos serrações, carpintarias e marcenarias mecânicas, fábricas de platex, de celulose, de papel, de pez e aguarrás. Praticamos em larga escala a extracção da resina mas não temos fábricas para a laborar. Já as tivemos mas os seus alvarás foram transferidos ou vendidos para Pombal, se não estou em erro. Não podemos deixar de lamentar o acontecimento não só por termos perdido alguns postos de trabalho mas também os cofres da Câmara Municipal terem ficado privados de verbas importantes carreadas através dos respectivos impostos. Em relação às outras modalidades, industriais, não estamos em branco pois existem algumas serrações de madeiras e carpintarias limitados quando comparados com a abundância da matéria-prima existente entre nós.

O Comércio, nos seus dois grandes ramos — o grossista e o retalhista — está, quanto ao primeiro, representado por cinco, se não estou em erro, armazéns de lanifícios e um de tecidos de algodão que estendem, por intermédio de agentes comerciais privativos, a sua actividade a todo o País. Deram lugar à criação de alguns postos de trabalho para preenchimento dos quadros de caixeiros, agentes comerciais e empregados de escritório. Um dos armazéns de lanifícios tomou a iniciativa de estabelecer um pronto a vestir, proporcionador de trabalho a um certo número de jovens e não sei se de senhoras. Quanto ao segundo ramo — o Retalhista — encontra-se disperso por todo o concelho e representado por estabelecimentos de diversas modalidades — mercearias, tecidos, louças e vidros, ferragens, mobílias, materiais de construção civil, etc. — e em número suficiente para satisfação das necessidades da vida normal. Existe, ainda, um supermercado, três farmácias, três talhos, quatro cafés, várias tabernas, dois mercados semanais e uma feira anual — a de São Pantaleão — com a duração de três dias (no mês de Julho) e muito importante pela gama e valor dos produtos que transacciona e programa recreativo que oferece aos feirantes, sejam eles os de casa ou os vindo dos concelhos vizinhos e outros, na qualidade de vendedores, compradores, visitantes e amigos todos. O comércio retalhista figueiroense emprega reduzido número de caixeiros porque o movimento comercial o não justifica, sendo, geralmente, a função daquelas exercida pelo proprietário do estabelecimnto e seus familiares. Nos dias do mercado semanal — quarta-feira e sábado — é grande o número de vendedores ambulantes que arrumam os seus balcões para, em concorrência, com os estabelecimentos fixos, fazerem o seu negócio. Não podemos deixar de registar que tal concorrência é gravosa e desleal para o comércio fixo por dois motivos:

a) Ser significativo o número de clientes que o primeiro afasta dos balcões do segundo e a este fazerem falta garantia de manutenção;

b) Os encargos do primeiro com impostos serem (segundo parece) inferiores e a renda da loja, praticamente, nula pois o imposto de terraço é, comparada com aquela, irrisório. Sendo o direito à vida uma necessidade não apenas natural mas humana, como harmonizar os interesses dos dois irmãos desavindos?

(Continua)

JOSÉ RODRIGUES DIAS

NOTÍCIAS REGIONAIS

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Recenseamento de desalojados

Antero da Conceição Barreiros, Presidende da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos, torna público que vai decorrer no período compreendido entre vinte de Novembro a seis de Dezembro, o recenseamento dos desalojados, pelo que os interessados, devem dirigir-se ao posto de recenseamento durante esse período, o qual funciona numa dependência desta Câmara Municipal, entre as 14 horas e as 19 horas.

Obras para 1977

Segundo lemos na «Comarca de Figueiró», e lamentamos que a actual Comissão Administrativa se tenha esquecido de enviar o **Plano Executor de Obras para 1977** ao «Notícias de Campelo», embora não se esqueça de lhe pedir para publicar outras coisas, estão programadas para o ano que vem: o **Palácio da Justiça** (13.750.000$00), a construção do **Quartel da G. N. R.** em Figueiró (cerca de 2.500 contos), construção dum **Bairro Social** na Vila (ainda sem orçamento), **arruamentos** em Figueiró (5.800 contos), caminho para Castanheira de Figueiro (1.331.128$20), construção dos Depósitos para água, remodelação da conduta e abastecimento a diversas povoações desta freguesia (6.900.000$00), **Quartel dos Bombeiros Voluntários** (primeira fase — 12.556.500$00 e 2.ª fase — 9.822.600$), reparação do Edifício dos Paços do oCncelho (1.950.000$00), construção e pavimentação da E. N. 237 ao limite do Concelho de Pedrógão (5.970.000$00), 2.ª fase da construção do C. M. 1130 a Aldeia da Cruz pelo Bairrão (3.300 contos).

Se tudo isto ao menos fosse feito, ao menos em três anos, já não era mau.

POR CORUCHE

Nesta vila faleceu o nosso amigo sr. Sebastião Henriques Simões, de 61 anos, que muito ajudou em obras a terra da sua naturalidade — o Fontão Fundeiro.

POR CAMPELO

São nomeadas **Zeladoras** da nossa Igreja as seguintes senhoras, que já muitas provas têm dado do amor que lhes merece a limpeza e asseio deste templo: D. Aida da Silva Ventura, D. Leontina Dinis Simões e menina Leontina Pereira Rodrigues.

Pagamento de deslocação do Pároco

Como toda a gente sabe, o Pároco desta freguesia reside em Figueiró dos Vinhos, por o que recebia não lhe dar de modo algum para as deslocações que tinha de fazer, diariamente a Figueiró, onde tem o seu emprego, mesmo contando com o pagamento de renda de casa, e ainda por ter de deixar sozinha a sua irmã em Campelo, acontecendo ter de chegar a casa muitas vezes depois da meia noite, e com a agravante de, por vezes, ter de se deslocar duas e três vezes por dia a Campelo.

Não tem, desde há mais de seis anos levado qualquer dinheiro por serviço paroquial, e depois de residir em Figueiró nem sequer cobra dinheiro para si (apenas para a deslocação e sacristão) de qualquer missa à semana ou domingo.

Não querendo qualquer dinheiro para si (que seria de justiça, se o fizesse) não pode é servir a freguesia pagando ele as deslocações, Previdência e outras despesas que qualquer paróquia acarreta. Chama-se a atenção que as Missas do domingo, celebradas na Igreja, são totalmente gratuitas; e as das Capelas são celebradas por intenções particulares, mas o dinheiro recebido é para a Cúria Episcopal, bem assim como o de qualquer missa celebrada à semana que seja binação (só a 1.ª é que pertence ao celebrante).

Não tem a Paróquia de Campelo de que se queixar: tem a Igreja totalmente reconstruída; o Fontão, uma Capela Nova; Alge, em vias de reconstrução a sua Capelinha; Missas ao domingo — na Igreja e Vilas de Pedro; Missas também à semana, nas diversas Capelas, e até a feitura e administração deste jornal. Por tudo isto não tem recebido o actual Pároco um único tostão, antes pelo contrário tem gasto muito dinheiro do seu para que tudo se possa fazer a tempo e o melhor possível. Uma coisa é de justiça exigir também dos paroquianos, presentes e ausentes: o pagamento das deslocações para estes serviços e outras despesas atrás descritas. E pagamento ao menos de três em três meses. O dinheiro da antiga côngrua dá para isso. O que é preciso é que todos paguem e de boa vontade. De outro modo não terão de que se queixar se a freguesia tiver de ser abandonada e deixar de ter Missas mesmo ao domingo, e até funerais. Se grande parte for da opinião de dois homens da freguesia, que se vieram queixar para Figueiró, de que agora tinham de pagar a um táxi para que o Pároco fosse fazer um funeral a Campelo (então que seria se tivessem de pagar mais 150$00 para o Sacerdote que fosse fazer o funeral e mais 50$00 para o Sacristão?!), não há dúvida de que assim não pensem ir longe!...

Melhoramentos

Segundo o **Plano executor de obras para 1977**, da Câmara Municipal, a que já nos referimos, estão previstas para o ano que vem as seguintes obras: E. M. 521 — Reparação da E. N. 347, em Campelo à E. N. 236-1 4.ª fase no valor orçado de 2.340 contos; construção da rede de esgotos de Campelo (1.001.360$00 + 50 por cento), caminho municipal entre a E. M. 521 (Vilas de Pedro a Campelo) e o Caminho Municipal 1130, por Aldeia Fundeira-Agrias (4.999.000$00), construção do mesmo até Vale Vicente (589 contos), alargamento do cemitério de Campelo (250 contos).

Casamento

No dia 17 de Outubro p. p. realizaram o seu matrimónio na Igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa, o sr. José Simões, filho da sr.ª Maria Amélia Simões, e a menina Maria Eulália Mendes Morais, até aqui catequista na Igreja de Campelo, filha dos srs. Aníbal dos Reis Morais, falecido, e de Ana Mendes Morais.

Apadrinharam a noiva os srs. Manuel da Silva e Pombela Pereira Morais Simões, e o nubente, os srs António Joaquim Correia Moçozinho e Lídia da Conceição Pereira.

Auguramos um bom futuro ao novo casal, que fixou residênica em Lisboa.

Felicidades!

POR VILAS DE PEDRO

Está previsto no Plano executor de obras de 1977 a construção do cemitério deste lugar de Vilas de Pedro, orçado em 700 contos.

Seria uma boa obra, pois carregar com cadáveres até Campelo, de Vale de Vicente ou Vale da Lameira, já não é próprio para os nossos tempos.

PELA RIBEIRA VELHA

Os srs. Olívio Caldeira Neves e Manuel da Conceição Carvalho, mordomos da festa de N.ª Sr.ª de Fátima em 1976, entregaram aos mordomos de 1977, srs. Manuel da Graça Simões e Joaquim dos Santos, a importância de 4.552$30, com destino à construção duma casa de arrumação para alfaias da Capela deste lugar. Era o saldo da Festa.

Esperam que todos os mordomos dos anos anteriores façam o mesmo até ao fim de 1976. Doutro modo ainda não será para a festa que vem, que se pode contar com a dita casa, que poderá servir também para a parte recreativa, a exemplo do Singral, a que já fizemos referência neste jornal. O dinheiro que sobrou das festas, é da Capela e não dos mordomos, e é bom que seja posto em nome da Comissão que está, para evitar o termos de publicar os nomes dos que puseram o dinheiro em seus nomes.

OBRAS DA IGREJA DE CAMPELO

Pode dizer-se que acabaram as obras de restauração da nossa Igreja de Campêlo. E isto porque as obras nunca acabarão enquanto existir um edifício. De há sete anos, desde que o actual Pároco entrou nesta Freguesia, já se gas-Na altura, estava a cair aos bo-

taram nela cerca de 280 contos. cados, com soalho, esburacados, forros podres, telhas partidas, paredes esburacadas, a ponto de parecer um edifícia abandonado.

Foram precisos *sete anos*, mas conseguiu-se o que então parecia irrealizável.

O peditório entre os residentes na Freguesia rendeu 30 220$00 (não contando a oferta do relógio pelo sr. Morais e do Altar pelo sr. Aníbal Martinho). Tirando 8 pessoas (ou famílias) todos os restantes deram pelo menos 100$00 (50$00 no caso de viúvas). Os nomes de quem não deu também consta do Livro de Contas.

O resto — mais de 200 contos — foi dado por pessoas que não vivem habitualmente em Campêlo ou é saldo de Festas de Campêlo. Cerca de 20 000$00, por anónimos.

Vale a pena visitar a Igreja para ver como foi empregue o dinheiro. Nem sempre se fez como se desejava, mas o certo é que o que está não desmerece.

Até agora, na pintura, restauração de Via-sacra, quadros e castiçais e arranjo de madeiras, gastaram-se 72 510$00. Falta caiar por fora e tirar infiltrações de água no telhado. Cinquenta e dois contos e quinhentos foram gastos em pagamento de salários. Dois mil quarto centos e sessenta e nove escudos em seguro de pessoal e o restante em materiais — madeiras, tintas, cal, etc..

Parte da tinta foi comprada a armazém por 63$22 (com 30 % de desconto) ao preço a que é vendida a revendedores. A comprada nas lojas de Campêlo rondou em média os 78$00 (desconto de 10%). É preciso dizer que a qualidade era a mesma.

Desde Junho recebemos para a Igreja: 100$00 de José Alberto Pereira Rodrigues e o mesmo de José Rodrigues Dias, 50$00 de Amaro das Neves Abreu, 150$00 de António Nunes da Costa (Brasil) e 213$10 de César Simões da Silva (Bissau).

Relação das ofertas para construção da nova capela do Fontão Fundeiro

Joaquim Simões Nunes — Lisboa — aferta de 1 relógio eléctrico para a torre.

Américo Pereira Henriques — Alferrarede — oferta de 1 palco em cimento e de mais 7.500$00.

José Lucas Prior — Vendas Novas	25 000$00
Agostinho da Silva Ribeira — Portimão	15 000$00
António Nunes da Silva — Sacavém	15 000$00
Joaquim da Conceição Ângelo — Almada	10 000$00
Manuel Lucas Prior — Vendas Novas	10 000$00
Idalino da Silva Lucas — Figueiró dos Vinhos	10 000$00
Adelino Nunes da Silva — Lisboa	10 000$00
António Dias dos Santos — Sacavém	5.000$00
Raul Ferreira da Silva — Sacavém	5.000$00
Joaquim Pedro Ribeira — Lisboa	5 000$00
Manuel dos Santos Costa — Caldas da Rainha	5.000$00
Vitorino d'Assunção Ribeira — Cacilhas-Almada	5.000$00
José da Silva Santos — Lisboa	5.000$00
Lúcio João da Silva — Almada	5.000$00
Idalino Alves da Silva — Cacém	2.500$00
Carlos Alberto Nunes Costa — Caldas d aRainha	2.500$00
Américo Simões Mendes e Sezinando Alves simões — Pêro Pinheiro/Sacavém	2.500$00
Vitorino Mendes Lucas — Coruche	2.500$00
Aníbal Pereira Gregório — Fontão Fundeiro	2.000$00
Joaquim dos Santos Coelho — Tomar	1.000$00
Augusto Jesus Mendes — Tomar	1.000$00
Albino Rosa Vinhas — Tomar	1.000$00
Joaquim da Silva Brás — Lisboa	1.000$00
José da Silva Brás — Fontão Fundeiro	1.000$00
Lúcio da Silva Brás — Fontão Fundeiro	1.000$00
Albino Nunes Alves — Almada	1.000$00
Vitorino dos Santos Costa — Lisboa	1.000$00
Joaquim Rodrigues Simões — Tomar	1.000$00
José Soares Torres Simões — Tomar	1.000$00
Joaquim Henriques dos Santos — Pousia	1.000$00
Rafael da Conceição Lopes — Caldas da Rainha	1.000$00
Manuel Alves de Oliveira — Alferrarede	1.000$00
José de Jesus Rosa — Alferrarede	1.000$00
Albino Nunes Ribeira — Alverca	1.000$00
João Nunes de Jesus, (viajante) — Figueiró dos Vinhos	1.000$00
Augusto Dias Alves — Fontão Fundeiro	1.000$00
Antero Ferreira Duarte — Sacavém	500$00
Manuel dos Santos Coelho — Tomar	500$00
Almerindo Lucas Prior — Bobadela	500$00
Viriato Rodrigues Perneta — Lisboa	500$00
Manuel Rodrigues dos Santos — Tomar	500$00
João Coelho — Santarém	500$00
Joaquim Nunes — Moscavide	500$00
Abílio Henriques dos Santos — Fontão Fundeiro	500$00
S. da Silva Castela — Vieira de Leiria	500$00

(nos próximos números continuar-se-á a divulgação das listas)

Caro amigo e conterrâneo bairrista, se tiveres possibilidade de contribuir com mais um donativo para a nossa terra não hesites; por muito maçadores que nos aches lembra-te que ainda há muito para fazer, e que são necessários cerca de 65 a 70 mil escudos, pois, e apenas como exemplo, a capela não tem bancos, falta-lhe um confessionário, etc. e, além disso há também outros melhoramentos a efectuar por baixo do palco de cimento, como seja a divisão do salão, para construção de dois quartos, algum recheio para essas salas, e tudo o mais que, com a nossa orientação e o teu valioso contributo, possamos ainda vir a fazer. Agradecemos pois que, caso te seja possível, não te esqueças do nosso pedido e correspondas como sempre.

A COMISSÃO

O ZEFERINO E O LUCAS

— Santas noites nos dê Nosso Senhor, compadre Zeferino.

— Venha com Deus, compadre Lucas. Então parece que vem de braços caídos!

— É verdade, compadre; como estamos no mês de S. Martinho trago aqui um taleigo de castanhas e um garrafão de vinho. Mas olhe que este vinho não é do novo; esse ainda está cru. Este já ouviu quatro cucos. É ainda daqueles tempos em que, apesar do fascismo e outras coisas mais, ainda havia alguma coisa boa; pelo menos havia bom vinho, mas não era para os russos beberem a três mil réis o litro.

— Ó compadre, você já pensou que mais de quarenta mil pessoas em Portugal e por esse mundo fora, lêem no jornal as nossas conversas?

— Olhe que nunca tinha pensado nisso, mas sei que é pura verdade, e talvez haja mais ainda. Se o nosso jornal e seus associados atiram para o público com mais de vinte mil exemplares, bastaria que cada um fosse lido por duas pessoas. Mas eu sei que há casas de família em que ele é lido por mais de meia dúzia. E este, como é pequeno e não traz anúncios, é lido da primeira à última linha.

— Pois é isso mesmo. Olhe que um assinante do Brasil já me disse que quando lá chega o jornal é uma guerra, a ver qual o lê primeiro. Uma vez até o rasgaram a puxar cada um para seu lado. E se assim é, para que havemos nós de estar para aqui com desabafos políticos, quando há tantas coisas mais verdadeiras em que falar?

Realmente, o compadre tem razão. Perdermos tempo a lamuriar que os padeiros não nos querem dar pão, porque querem mais paus (dinheiro), que os sapateiros não querem fazer sapatos, que os camionistas barraram as passagens para a fábrica de cimento de Setúbal, edcetra, edcetra, tudo por casmurrices pessoais ou partidárias, isso nada nos aproveita. Tudo isso são vermes a roer a nossa querida democracia, que, pelos vistos, está ainda mais crua do que o vinho novo. Ainda a greve não chegou aos cangalheiros. Se lá chega, lá irão os defuntos para a cova embrulhados num lençol em cima duma padiola como antigamente!...

— Ainda me lembro disso, compadre. Aquilo não era padiola, chamava-se esquife.

— É mais ou menos uma e a mesma coisa. Era uma padiola com grades, para os mortos não caírem quando eram levados aos ombros por esses caminhos cheios de buracos, desde casa ao cemitério. Pois Deus queira que, pelo respeito que nos merecem os mortos, a greve não chegue a esse ramo de actividades; e não chegará, com certeza, a não ser que também sejam tabelados os preços das urnas, porque esses ainda ganham quanto querem.

— Mas vamos lá, compadre, esquecer todas essas mazelas sociais, e vamos comer umas castanhas que a estas horas já devem estar a estalar no borralho.

— Antes elas nos estoirem no barralho do que na boca; porque também há muita gente a quem as castanhas estoiram na boca

— Mas vamos às castanhas ou não vamos?

— Vamos, sim senhor. E para abrir o apetite, vá lá já um copo de vinho, do tal de quatro cucos. Olhe que há poucos dias, passou lá por minha casa um amigo. (talvez o compadre o conheça), o Zé da Serra...

— Tenho ouvido falar nele; parece que é um senhor acolá dos lados de Pombal.

— Pois é mesmo de Pombal. Eu sou muito amigo dele há muitos anos. É uma pessoa muito alegre, e, apesar de já ter varado os setenta anos, ainda há três meses foi ao Brasil e dançou o samba! Pois este homem tem uma veia poética de tal ordem que, assim como o nosso Camões fez os LUSÍADAS para cantar a Colonização, o nosso Zé da Serra era capaz de fazer agora outros lusíadas virados do avesso, para chorar a «descolonização»!...

Pois como eu ia dizendo, chegou lá a minha casa, um dia destes, o amigo Zé da Serra, e eu fui à garrafeira buscar uma garrafa de vinho igual a este. O homem pega no copo cheio de vinho, leva-o à boca e, depois de provar, levanta o copo à altura dos olhos e rompe, quase em êxtase:

«SUMO BENDITO!...
Quando Deus criou o vinho,
Lembrou-se do pobrezinho
Que outro conforto não tem.
É o cobertor amigo,
Agasalho do mendigo,
Que anda pelo mundo além!

O vinho, santa bebida,
que dá alegria à vida
e faz rir o mais tristonho,
é o vinho que aquece
uma alma que arrefece
ao ver desfeito o seu amor!...

Se não fosse o vinho, a gente,
no viver mais descontente,
A sorte negra sofria.
Mas Deus, Poder Infinito,
Criou o SUMO BENDITO
Para nos dar Alegria!...»

E só depois de entoar este hino é que o Zé da Serra empinou o copo e engoliu o vinho.

— Muito bem! agora é que eu vejo que o homem tem, realmente, a veia poética. Que Deus o conserve.

— Vamos então atirar-nos às castanhas e beber esta boa pinga. O compadre está a dois passos da cama e eu, se levar a cabeça um bocadinho mais quente, vou mais livre da constipação, porque a chuva canta no telhado e o meu chapéu já mete água.

— Então vamos lá tirar a prova real a esta boa pinga, e que Deus nos continue a dar este sumo bendito para nos dar alegria, como diz o Zé da Serra.

AS FUNESTAS CONSEQUÊNCIAS DA LIBERALIZAÇÃO ABORTIVA

(Continuado da pág. 1)

praticam os abortos. É significativo verificar como o livro de um momento para o outro desapareceu das livrarias, pois era demasiado claro para absolver a consciência de tantos médicos e enfermeiras.

Os autores do livro, um casal como acima se indica, que na realidade eram jornalistas, fazendo-se passar por marido e mulher para mais facilmente poderem actuar na sua investigação. Ela nunca foi casada, nem esteve grávida, contudo, quando se tratava de proceder à verificação da gravidez, as análises eram sempre positivas. Por toda a parte, observaram a preocupação de induzir ao aborto. Tudo eram facilidades: no tempo, na assistência, na discrição. Para ludibriar a lei inglesa, que exige algumas cautelas, ensinava-se como proceder, como inventar o motivo legal do aborto. Houve casos em que o aborto era combinado pelo telefone, sem mais formalidades. O clima que se vive nesses ambientes de enfermeiras e médicos, profissionais de dar a morte a crianças, é verdadeiramente macabro e materialista; enquanto a mulher continua a ser a explorada de sempre, tentada e envolvida no maior desrespeito pela vida do fruto do seu seio, esmagada pela máquina de lhe extorquir dinheiro, a ela e à sua família.

E pensar que o número de abortos subiu na Bulgária de 17 400 (1953) para 119 500 (1956); na Hungria, de 36 000 (1950) para 220 000 (1969); na Roménia, de 129 000 (1958) para 1 115 000 (1965); e na Checoslováquia, de 30 600 (1953) para 115 800 em 1966! Os factos comprovam que a liberalização do aborto se torna em máquina voraz de novos abortos, em tentação puramente egoísta de mais abortos.

E.

Meus amigos:

Depois de termos vindimado a chover e de termos recolhido o milho, algum já grelado, vamos todos à fava.

Quero eu dizer que estamos no tempo de semear as favas, as ervilhas e os pastos se o inverno nos deixar. Parece que vamos ter mais água e mais frio. Neste mês também se deve aproveitar a azeitona que vai caindo com o vento, porque já dá azeite, e este precioso líquido da cor do oiro também é quase tão caro como o precioso metal.

Volto a recomendar que se observem os vinhos em adega, e que, logo que estejam claros, se mandem amalisar. Estas coisa não querem desleixos.

Vão preparando as vasilhas para a trasfega. Este aviso é principalmente para quem tem muito vinho. Para os que têm tanto como eu, vamo-lo trasfegando para a barriga, mas com regra!...

E para este mês nada mais vos recomendo. Haverá dias em que teremos de ficar em casa por causa da chuva, e, por isso, já aqui vai muito pano para mangas.

Desejo-vos muita saúde e que haja pão e batatas com fartura para passarmos o inverno tranquilo. O Zé da Horta recomenda a todos vós, queridos agricultores, que não façais greve, pois todo o mundo está a comer pelas vossas mãos.

Um abraço do amigo

ZÉ

SOLUÇÕES DAS ADIVINHAS

1 — Um ano.
2 — Sou eu.

Tempero com as cinzas do avô!

Com as cinzas de um avô falecido que receberam da Argentina, temperaram, durante vários dias, as refeições, os componentes de uma família de Gambolo, na província italiana de Pavia.

As cinzas tinham sido enviadas numa embalagem postal, mas sem nada que explicasse o conteúdo do recipiente e a família, cuja identidade não foi revelada, pensou que era uma oferta de alguma especiaria desconhecida. Até que, uma carta enviada por parentes de Buenos Aires, informou que se tratava das cinzas de um avô ali falecido e que tinha expressado o desejo de ser sepultado em Itália. O atraso na chegada da carta deu origem à confusão.

Ria... se quiser!

Perguntaram a um bêbado:

— Se colocares diante dum burro uma vasilha de água e outra de vinho qual é que ele bebe em primeiro lugar?

— A água, evidentemente!

— Porquê?

— Porque é burro!

★

No restaurante:

— Que tal? Como achou o bife?

— Foi, de facto, uma pequena odisseia mas, por fim, sempre consegui encontrá-lo; estava debaixo duma batata...

★

O menino preguiçoso no talho:

— Dê-me meio quilo de lingui.

— Mas porque é que o menino não diz a palavra inteira: linguiça?

— Porque tenho pregui.

ADIVINHAS

— O que é que fez D. Afonso Henriques quando tinha 12 meses?

2 — Não é minha irmã, não é meu irmão e, no entanto, é filho de meu Pai e de minha Mãe.

PARA FECHAR

Um — Eu acho que os primeiros comunistas que existiram foram Adão e Eva.

Outro — Ora essa! Porquê?

Um — Bem, eles não tinham nada que vestir, não comiam nada além de maçãs — e, mesmo assim, julgavam-se no Paraíso!

Egipto terra cristã

Segundo a tradição, a Igreja do Egipto foi fundada pelo evangelista S. Marcos que teria sido martirizado em Alexandria no ano 68.

Ao fim do segundo século, eram numerosos os cristãos em Alexandria. De lá a fé espalhou-se por todo o Egipto. A partir do século IV os mosteiros surgiram nesta terra como que por encanto e cobriram o país dos faraós que se tornou cristão do norte ao sul.

LANZA DEL VASTO

Nasce em 1901, na Sicília, duma família ilustre. Fala várias línguas. É doutor em filosofia. Artista, pratica a cinzelatura, a escultura, a pintura, a música e a poesia.

Os revês da fortuna são para ele uma libertação.

Procurando a verdade, parte a pé pelas estradas da Europa, do Médio-Oriente e da Índia onde faz a sua «peregrinação às fontes».

Encontra Gandhi com o qual vive vários meses em Wardha. Este dá-lhe o nome de Shantidas, «servo da paz».

No seu regresso instala-se em França e na meseta francesa de Escandorgue, junto a Larzac, zona pedregosa onde abundam as silvas e as plantas espinhosas e onde não há qualquer vestígio de civilização, funda uma comunidade rural não-violenta, que «não é nenhuma ordem religiosa nem cavaleiresca — segundo palavras de Lanza del Vasto — embora tenha algo de ambas, mas sim uma ordem trabalhadora». Lanza del Vasto chama-lhe «a Arca», a recordar a aliança bíblica e a figura de Noé antes do dilúvio. Os membros prosseguem aí um profundo esforço de libertação interior. Cerca de 100 pessoas vivem diariamente, em contacto com a natureza, trabalhando a terra, construindo as suas próprias casas, tecendo a lã ou dedicando-se a fazer móveis ou objectos de olaria.

«Não à máquina, sim à natureza» parece ser o lema desta nova sociedade. Assim os membros desta original comunidade, desbravaram 400 hectares de terreno pedregoso. São vegetarianos. Não fumam; trabalham 8 horas por dia; levantam-se às 5,30 da manhã e fazem uma hora de yoga ou meditação, almoçam ao meio-dia e jantam às 7,30 da tarde; às 9 da noite, depois da oração da tarde, trocam entre si o beijo da paz e às 10 apagam-se as velas — pois em Larzac não há luz eléctrica — e vão-se deitar.

São também combatentes da paz. Por diversas acções não-violentas, quiseram acordar a consciência dos franceses a propósito da guerra na Argélia, da tortura, dos campos de atribuição de residência vigiada, da objecção de consciência. Em 1972, Lanza del Vasto, no campo de Larzac, jejua, escreve ao Presidente da República e propõe aos camponeses a acção não-violenta.

Diz Lanza del Vasto: «o que eu pretendo é mudar a sociedade actual e preparar o homem para que não se deixe subjugar pelo desenvolvimento desenfreado, nem se deixe arrastar pelas rivalidades, pela busca constante do dinheiro e do poder» (cf. **Fêtes et Saisons — mensuel**, n.º 287, Aout — Septembre 1974, pág. 17 — Sobre a «Não-violência». E ainda: **Família Cristã**, ano XX, n.º 10 — Outubro de 1974, págs. 16-17 e **Miriam**, n.º 262, Abril de 1976).

CONSELHOS ÀS MÃES

Não se deve pretender ser uma mãe rigidamente perfeita. Quando se não deixa lugar algum para a fantasia e o humor, corre-se o risco de criar uma tal reacção de oposição nas crianças, que todos os excessos são de recear.

★ Não trocem dos anseios poéticos das crianças, dos versos que elas mostram com prazer. Isso quer dizer que chegou o momento de despertarem para a vida e é o seu êxtase que elas exprimem, embora desajeitadamente.

★ Os exageros de feitio de certas crianças provêm, quase sempre, de complexos que é preciso determinar e curar. É tratando as raízes do mal que se saram os sintomas aparentes, e não atacando unicamente esses sintomas.

★ Ensine cedo aos seus filhos a serem exigentes consigo próprios. Crie neles o horror pela banalidade, o medíocre, o «feito-à-pressa», o trapalhão. É indispensável que eles saibam conhecer e amar o verdadeiro valor.

A INVEJA

Diz o nosso velho provérbio e com razão — que «se a inveja fosse tinha, muita gente era tinhosa.»

A inveja é, efectivamente, um sentimento nefasto que cria raízes por toda a parte; mesmo cá no estrangeiro a encontrarmos. A primeira vítima dessa chaga é o invejoso, desejando possuir ardentemente o que a outro pertence. A febre devora-o e consome-o pouco a pouco, avaramente, quase com malvado requinte.

A inveja e a má-língua pertencem à mesma família, vivem paredes meias. Ser invejoso é ser mesquinho, é desejar através dum raciocínio falseado, aquilo que não pode ser obtido nem pelo valor, nem pela persistência teimosa do trabalho e da inteligência. Da inveja vem a intriga e o conflito. Conflito tanto interior de si para consigo, quanto nas relações com outros. Onde o invejoso impera, a querela instala-se, a mediocridade triunfa.

A inveja é como a erva daninha, a urtiga na seara. Quanto mais se pisa, mais renasce e com maior vigor. A única solução é extirpá-la pela raiz. Disso se deve encarregar o próprio paciente... No caso contrário, toda uma gama de complexos deprimirão o psiquismo e destruirão a personalidade.

A maledicência, a mentira, a desonestidade, — vícios que são quase um pecado original do invejoso, são facilmente visíveis quando se trata de gente honrada, com o justo sentido da verticalidade, com um valor moral, intelectual ou social, aos quais, enquanto tal, o homem cúpido não pode aspirar.

A inveja é um sentimento que suja. Um sentimento que não é válido nem quando um homem a ela recorre para se defender da agressividade dos outros. Um sentimento que, em última análise, até reflecte uma falta de virilidade.

A inveja é o contrário da generosidade, da bandade, da camaradagem e da fraternidade... O homem invejoso só pensa em si, no seu egoísmo feroz e intransigente, desconhece a ventura imensa da amizade. Desconhecendo-a desconhece tudo. A vida parecer-lhe-á uma fatalidade, um fardo em relação a outros homens que possuem bens morais ou intelectuais de que ele não pode usufruir; algo que deve ser suportado e não vivido.

Por via de regra, a inveja resulta de um complexo de inferioridade. Libertar-se dela é dar um contributo notável para a Paz, para a fraternidade e solidariedade entre os homens que estão e serão num sentido pleno. Como Pasteur, como Francisco de Assis e tantos outros...

Emigrante

• **BRUXELAS** — Unicamente com as mãos, um curandeiro filipino extraiu catorze cancros do corpo duma criança de quatro anos e salvou-lhe a vida.

As operações foram filmadas e e caso está a assombrar os médicos.

• **CARACAS — A capital da Venezuela pode gabar-se de ser a única cidade do mundo onde a gasolina é mais barata do que a água.**

De facto, devido à seca, a água custa 3$60 por litro, contra 25 tostões por litro de gasolina.

• **ESTADOS UNIDOS** — Um estudante de 21 anos, da Universidade de Princetou conseguiu, apenas em quatro meses, elaborar os planos de uma bomba atómica.

• **OHIO — Com 28 meses, Pamfila Watson é uma criança precoce. Lê o jornal, exprime-se por frases bem construídas e aprende a jogar xadrez.**

«Por vezes ela faz-nos medo, declara a mãe de 38 anos, pois sabe muitas coisas que não lhe ensinámos».

• **RÁDIO RENASCENÇA** — Uma comissão oficial vai proceder à avaliação da indemnização a atribuir à Rádio Renascença pela destruição do centro emissor da Buraca.

• **CATÓLICOS NOS ESTADOS UNIDOS — São cerca de 150 mil as conversões que se verificam anualmente nos Estados Unidos, de não católicos para a Religião Católica.**

Os católicos deste País são cerca de 50 milhões.

• **CHINA** — Num dos maiores comícios da história da China, o primeiro ministro Hua Kuo-Feng foi aclamado presidente do Partido Comunista Chinês e sucessor de Mao Tsé Tung na chefia daquele grande país.

• **DESASTRE DE AVIAÇÃO — Caiu um avião de carga na Bolívia, e matou pelos menos 100 pessoas. Quase todos os mortos eram pessoas que estavam no solo e foram atingidas pelos destroços incandescentes do avião sinistrado.**

• **AEROPORTO DE LISBOA** — O ministro das Finanças visitou o aeroporto da Portela para se inteirar pessoalmente das carências. «Urge acabar — disse — com a falta de limpeza, a falta de segurança e a indisciplina que é patente aqui e um pouco por toda a parte». Oxalá, sr. ministro!

• **DÓLARES PARA ESTRADAS — O Banco Mundial anunciou a concessão dum crédito de 24 milhões de dólares a Portugal, para o financiamento de metade dum programa nacional de estradas.**

• **REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ** — Muitos estudantes, cada vez mais, a estudarem Teologia — Ciência sobre Deus e Religião — na Universidade de Tubinga.

Neste País de regime comunista, os jovens viram-se cada vez mais para a Religião.

• **IMPOSTO DO GASÓLEO — Aumentou para 18 contos o imposto de compensação a pagar pelos proprietários de veículos automóveis de gasóleo ligeiros de passageiros e mistos de serviço particular.**

NOTA DO MÊS

Foi pouco antes das eleições. Nas paredes de várias cidades, a competir com a propaganda política em profusão quase igual — cartazes dos «meninos de Deus».

Caso inusitado, creio. Na ostentação, que não na realidade factual. A actividade e proliferação das «seitas religiosas», cristãs e não cristãs, é inegável. Mais insinuantes ou mais pressionantes, mais unilaterais ou mais sincréticas, de conteúdo mais familiar ou mais insólito, mais convincente ou mais «irracional». De porta em porta, no meio da rua ou através da rádio. Mais ou menos manipuladoras da Palavra de Deus e das pessoas, mais ou menos fechadas em si mesmas e à comunhão eclesial, mais ou menos desfasadas da mentalidade e dos problemas de hoje.

Com algum êxito no entanto. De outro modo, ficaria inexplicada a sua proliferação e divulgação.

Na era tecnológica, a procura do oculto; na sociedade materialista, a busca de uma experiência espiritual; no auge da secularização, a fome do religioso e do sagrado. A recusa do vazio humano, do trabalho sem sentido, da vida sem horizontes, da racionalização e da técnica extremas, do desespero, da angústia, da solidão. A descoberta do «homem interior», a revalorização do Transcendente, a necessidade de arrebatamento, de segurança. Certa curiosidade, diletantismo nalgum caso, e, por princípio, ruptura com o NOSSO mundo.

DE TUDO isto se encontrará no actual interesse pelo (citando a esmo) yoga, zen, bana'ie, meditação transcendental e outros movimentos seguidores de gurus orientais ou ocidentais. Sem excluir os «Jesus people» e diversos grupos pentecostalistas e apocalipsistas. Interesse, sublinhe-se, sobretudo dos jovens. Dos mesmos que contestam as Igrejas e delas se afastam.

SEITAS: NEM SÓ SECTARISMO

TUDO isto obriga a reflectir, sem dramatizar nem menosprezar. Discernindo. Tudo isto é uma interpelação. O homem não é um «robot». A sua vida, como a da sociedade, não pode reduzir-se a estruturas — económicas, psicanalíticas ou outras. Por muito que custe a Marx ou a Freud... Mas as Igrejas ainda não descobriram como responder a esta interpelação. Há que ter a coragem de procurar. E que perder o medo de falar de oração, meditação, contemplação, de mística também. Mas igualmente que não se deixar embrulhar por muitos pseudo-misticismos, ou falsas religiões.

OLIVEIRA BRANCO